

Ocupar o corpo é ocupar a cidade: possuir e despossuir como estratégia política¹

Rose de Melo Rocha²

PPGCOM-ESPM; CLACSO; GP CNPq Juvenália

Resumo

Neste trabalho, propõe-se uma discussão sobre as dinâmicas de posse, desposse e expropriação nas sociedades contemporâneas. Para tanto, articula-se as dinâmicas de apropriação de corpos à apropriação e uso das cidades. Sugere-se, a partir de uma fundamentação teórica que passa por Jean-François Lyotard e Paul Virilio, mas não apenas, uma relação entre a (re)posse de corpos e a possibilidade de subjetivação em espaços-tempos urbanos.

Palavra-chave: cidade; corpo; (des)posse; subjetividade.

Introdução

A sociedade atual, onde os renascimentos e os sentimentos religiosos primitivos, bem como o legado das revoluções, estão à venda no mercado; onde os chefes fascistas negociam atrás das portas o território e a vida das nações, enquanto o público esperto calcula o preço do rádio; a sociedade, onde a palavra que a desmascara se legitima por isto mesmo como recomendação para a admissão ao banditismo político; essa sociedade, na qual a política não é mais somente um negócio, mas o negócio é a política inteira - essa sociedade se toma de indignação contra o retrógrado mercantilismo do judeu e designa-o como o materialista, o traficante, que deve recuar diante do fogo sagrado daqueles que erigiram o negócio em algo absoluto.

Theodor Adorno, Elementos do anti-semitismo, 1947.

A relação entre a expropriação do direito ao livre desígnio dos corpos parece guardar similitude com o livre uso das cidades. Convivemos em nosso dia a dia com as mais variadas ordens de desposse, sendo possível, inclusive, falar-se em termos de uma sistemática e reiterada *metodologia de dizimação* ancorada em uma agenda global de invisibilidades. Narrar o genocídio em países que o tem como mito fundador seria uma possibilidade de humanização, uma *anamnese*, no sentido lyotardiano (Lyotard, 1994), um enfrentamento das máquinas de desposse, que comandam a nefasta sinfonia de expropriação de territórios e de desapropriação de corpos.

Aportes conceituais

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Técnicas e Culturas Urbanas, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora titular do PPGOM-ESPM, líder do GP CNPq Juvenália, pesquisadora do GP CLACSO Infancias y Juventudes, e-mail rocha@espm.br.

Representar os despossuídos e o que os regimes normativos des-possuem, deslocam e afastam de seu centro é assunto caro aos estudos da comunicação que problematizam as dinâmicas de invisibilidade atinentes às sociedades da máxima visibilidade. Este paradoxo é, segundo nossa compreensão, um dos vetores mais contundentes do capitalismo contemporâneo, a um só tempo midiaticizado, subjetivista e suicidário. A obsessão pelo registro (de si, do mundo, dos outros, com ou sem consentimento) seria, portanto, o outro lado do espelho da *estética do desaparecimento* tão claramente definida por Paul Virilio (2015) em livro de mesmo nome. O que ocupamos, o que nos ocupa, do que nos desocupamos, o que nos é expropriado, inclusive no momento em que nossas vidas são feitas representação: estes são alguns dos paradoxos que nos interessa explorar.

Perspectiva analítica

A partir do conceito de **(des)possessão**, e de suas convergências com aqueles de **(des)ocupação** e **(in)visibilidade**, este trabalho objetiva, em termos gerais, contribuir para a compreensão: 1. Das dinâmicas assujeitadoras e das possibilidades de subjetivação nas contemporâneas sociedades consumistas, midiáticas, tecnológicas, discursivas, performativas; 2. Das reconfigurações da ação política na contemporaneidade, analisando sua relação com a estética, as tecnologias, a cidade, a imagem, o consumo e a corpo; 3. De ritualísticas de subjetivação, políticas e estetizadas, encontradas no Brasil; 4. De narrativas autobiográficas e outrográficas presentes em dinâmicas de produção e consumo midiático, analisando sua relação com a subjetivação e com as políticas de visibilidade.

Resultados parciais e considerações finais

Reconhecendo que há uma complexa dinâmica de posseção/desposseção, ocupação/desocupação, visibilidade/invisibilidade, permanência/impermanência no modo de estruturação, de duração, de territorialidade, de temporalidade e de fruição de processos de (re)posseção de corpos e cidades tomamos aos operadores conceituais aqui delineados como radares plásticos, sensíveis a possíveis ambivalências, contradições e ambiguidades que tragam *absurdidades* a nossa reflexão. Afinal, paradoxos habitam a origem mesma das modernas e das contemporâneas sociedades capitalistas. *Possuir* é o sonho e o pesadelo das sociedades burguesas “civilizadas”, e não apenas delas.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LYOTARD, Jean-François. Heidegger e os judeus. Petrópolis: Vozes, 1994.

VIRILIO, Paul. Estética da desapareição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.